



MULHERES E A ESCOLHA DE NÃO MATERNAR: ENTRE O DESEJO E A LIBERDADE

WOMEN AND THE CHOICE NOT TO MOTHER: BETWEEN DESIRE AND FREEDOM

LAS MUJERES Y LA DECISIÓN DE NO TENER HIJOS: ENTRE EL DESEO Y LA LIBERTAD



10.56238/edimpecto2025.091-039

Edna Almeida Guimarães

Graduanda em Psicologia

Instituição: Faculdade de Ensino e Cultura do Ceará (FAECE)

Fernando Antonio Gomes Cavalcante

Graduando em Psicologia

Instituição: Faculdade de Ensino e Cultura do Ceará (FAECE)

Carola Jorge Riffel

Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde

Instituição: Universidad Europea del Atlántico (UNEATLÁNTICO)

José Everton Silva Rodrigues

Mestre em Avaliação de Políticas Públicas

Instituição: Universidade Federal do Ceará (UFC)

Kláudia Karla Almeida Ziesemer

Especialista em Psicopedagogia

Instituição: Universidade Vale do Acaraú (UVA)

RESUMO

As mulheres que escolhem não ter filhos desafiam padrões convencionais que associam feminilidade à maternidade, reivindicando novas definições para o que significa ser mulher. A escolha, frequentemente cercada por estigmas e pressões sociais, é afetada por experiências pessoais, aspectos profissionais e emocionais, além do anseio por liberdade individual. Com isso este estudo analisa os elementos individuais, culturais e sociais que influenciam as mulheres a decidirem não ter filhos, além dos efeitos dessa decisão na sociedade. O estudo explora as motivações individuais, as consequências psicológicas, as percepções de empoderamento e os obstáculos colocados pelas normas sociais convencionais de feminilidade e maternidade. Foram selecionados para a construção deste trabalho 14 trabalhos acadêmicos e 4 livros pesquisados e os resultados sugerem que a escolha de não ter filhos está ligada à procura por independência, satisfação pessoal e liberdade, muitas vezes contrapondo-se às pressões sociais e estigmatizações. Como resultado, foi possível perceber que ao desmistificar a maternidade como um destino inevitável, essas mulheres fomentam uma reflexão importante sobre

direitos reprodutivos, variedade de escolhas e a criação de uma sociedade mais inclusiva, na qual cada mulher possa viver sua trajetória de forma plena, independentemente de ter filhos ou não. Ademais, ressalta-se que essa opção leva a uma profunda reflexão sobre os papéis de gênero convencionais, expondo conflitos entre a identidade feminina e as expectativas da cultura. O suporte social e familiar tem um papel significativo na aceitação dessa escolha. Finalmente, entende-se que a experiência de não ser mãe é única, construída ao longo da vida, que desafia padrões históricos e auxilia na expansão dos conceitos de feminilidade.

Palavras-chave: Maternidade. Mulheres. Filhos. Decisão.

ABSTRACT

Women who choose not to have children challenge conventional norms that associate femininity with motherhood, asserting new definitions of what it means to be a woman. This choice, often surrounded by stigma and social pressure, is influenced by personal experiences, professional and emotional aspects, as well as the desire for individual freedom. This study analyzes the individual, cultural, and social elements that influence women to decide not to have children, along with the broader societal effects of that decision. It explores personal motivations, psychological consequences, perceptions of empowerment, and the obstacles imposed by traditional norms of femininity and motherhood. A total of 14 academic papers and 4 books were selected for the development of this research. The findings suggest that the choice to remain child-free is closely linked to the pursuit of independence, personal fulfillment, and freedom—often in opposition to societal pressures and stigmatization. As a result, it becomes evident that by demystifying motherhood as an inevitable destiny, these women promote an important reflection on reproductive rights, the diversity of choices, and the construction of a more inclusive society—one in which each woman can live her life fully, regardless of whether or not she has children. Furthermore, this decision encourages a deeper reflection on conventional gender roles, revealing tensions between female identity and cultural expectations. Social and family support plays a significant role in the acceptance of this choice. Ultimately, the experience of not being a mother is a unique, lifelong journey that challenges historical norms and contributes to the expansion of the concept of femininity.

Keywords: Motherhood. Women. Children. Decision.

RESUMEN

Las mujeres que deciden no tener hijos desafían los patrones convencionales que asocian la feminidad con la maternidad, reivindicando nuevas definiciones de lo que significa ser mujer. Esta decisión, a menudo rodeada de estigmas y presiones sociales, se ve afectada por experiencias personales, aspectos profesionales y emocionales, así como por el anhelo de libertad individual. Por lo tanto, este estudio analiza los elementos individuales, culturales y sociales que influyen en la decisión de las mujeres de no tener hijos, así como los efectos de esta decisión en la sociedad. El estudio explora las motivaciones individuales, las consecuencias psicológicas, las percepciones de empoderamiento y los obstáculos que plantean las normas sociales convencionales sobre la feminidad y la maternidad. Se seleccionaron catorce artículos académicos y cuatro libros para este trabajo, y los resultados sugieren que la decisión de no tener hijos está vinculada a la búsqueda de independencia, satisfacción personal y libertad, contrarrestando a menudo las presiones sociales y la estigmatización. Como resultado, se pudo percibir que, al desmitificar la maternidad como un destino inevitable, estas mujeres promueven una importante reflexión sobre los derechos reproductivos, la diversidad de opciones y la creación de una sociedad más inclusiva en la que cada mujer pueda vivir plenamente, independientemente de si tiene hijos o no. Además, se destaca que esta elección conduce a una profunda reflexión sobre los roles de género convencionales, exponiendo los conflictos entre la identidad femenina y las expectativas culturales. El apoyo social y familiar desempeña un papel fundamental en la aceptación de esta elección. Finalmente,



se comprende que la experiencia de no ser madre es única, se construye a lo largo de la vida, desafía patrones históricos y contribuye a la expansión de los conceptos de feminidad.

Palabras clave: Maternidad. Mujeres. Hijos. Decisión.

.

1 INTRODUÇÃO

No tecido complexo das escolhas femininas contemporâneas, um fenômeno emergente desafia as expectativas arraigadas e redefine os conceitos tradicionais de feminilidade: a não maternidade escolhida. À medida que as mulheres conquistam cada vez mais autonomia sobre suas vidas e corpos, um número crescente está fazendo uma escolha deliberada e consciente de não ter filhos. Esse fenômeno intrigante, nos convida a analisar as razões por trás dessa decisão, suas implicações pessoais e sociais, e os desafios enfrentados por essas mulheres que optam por seguir esse caminho menos convencional (Safiotti, 1999).

Historicamente, nos últimos 50 anos muitos estudos apresentam mudanças no contexto familiar, de fato essas mudanças têm sido lentas perante o conservadorismo tão forte diante dos papéis da mulher e do homem enquanto família. A mulher foi estigmatizada como sendo aquela que é frágil, dócil, submissa e castrada. Esse modelo foi imputado e postulado como mito da feminilidade, ou seja, estando ele impresso na natureza da mulher não podendo ser alterado e contestado (Silva, 2021; Campos, De Tilio & Crema, 2017; Valentova, 2013 *apud* Nascimento *et al*, 2021).

Para muitos estudiosos a feminilidade traz consigo a maternidade, e esses processos eram tidos como simples e naturais, ainda que a evidência mais apropriada era a lógica da concepção, uma vez que se tinha o dom para isso. Em paralelo a esse questionamento, podemos perguntar a uma mulher o que ela quer hoje ou até mesmo se pretende ter filhos ou não (Emídio & Gigeek, 2019).

Nas últimas décadas, as normas sociais que ligam a feminilidade à maternidade foram questionadas e desafiadas. Enquanto antigamente a maternidade era vista como um destino inevitável para as mulheres, hoje em dia, mais mulheres estão questionando essa suposição e buscando ativamente alternativas. A não maternidade escolhida não é apenas uma ausência de filhos, mas sim uma afirmação positiva da autonomia feminina e uma rejeição das normas de gênero que limitam as possibilidades das mulheres (Emídio & Gigeek, 2019).

Os estudos sobre gênero começaram a ser ampliados nos anos 70 e ganharam maior visibilidade no Brasil nos anos 90, essa visibilidade sugere compreensão das desigualdades a partir de uma análise sobre o poder e quem o exerce o conceito de patriarcado, é entendido como o poder que o homem exerce por meio de papéis sexuais e que se constitui junto com as sociedades de classes, procedendo o modo de produção capitalista, e nele assume formas singulares de existência (Safiotti, 2015).

Ao explorar as histórias e experiências das mulheres que optaram pela não maternidade, observamos que esse é um aspecto pouco discutido da experiência feminina contemporânea. Além disso, busca-se compreender como a sociedade responde a essa escolha e como as mulheres que a fazem navegam por um mundo que muitas vezes as vê como desviantes ou incompletas. Ao examinar mais de perto esse fenômeno, podemos ampliar nosso entendimento sobre a diversidade de trajetórias

de vidas femininas e promover uma discussão mais inclusiva e compassiva sobre as escolhas reprodutivas das mulheres (Safioti, 1997).

A maternidade não pode ser imposta como destino único da mulher; ela deve ser livre para decidir se deseja ou não assumir essa responsabilidade, pois a verdadeira emancipação só é alcançada quando a escolha é genuinamente livre. Principalmente, que a maternidade não é a única fonte de realização para a mulher, visto que ela deve ser livre para buscar sua felicidade e autorrealização em diferentes aspectos da vida, de acordo com suas próprias aspirações. Concomitantemente, a autonomia da mulher não pode ser verdadeiramente conquistada enquanto ela for vista apenas como um meio para a reprodução, sua dignidade e valor devem ser reconhecidos (Beauvoir, 1970).

E desse modo, destacando a importância da autonomia da mulher na tomada de decisões relacionadas à maternidade e reforçando a idéia de que a verdadeira emancipação feminina só pode ser alcançada através da liberdade de escolha. Embora não seja específico sobre mulheres e maternidade, essa citação pode ser interpretada em um contexto que aborda as dinâmicas de poder envolvidas na experiência das mulheres, tanto como indivíduos quanto como mães, dentro de estruturas sociais e institucionais (Foucault, 1988).

À luz dessas reflexões, explorar a interseção entre a autonomia da mulher e a decisão de não maternidade é importante para o bem-estar diante do nosso modo e das novas aspirações de vida. Como Foucault sugere, a autonomia não é apenas uma questão de escolha individual, mas é moldada e restringida por relações de poder que permeiam a sociedade. Ao examinar as decisões reprodutivas das mulheres, é crucial considerar não apenas as escolhas individuais, mas também o contexto social, cultural e político que molda e influencia essas decisões (Foucault, 1988).

Explorar as complexidades da não maternidade escolhida à luz das análises de Foucault sobre o poder e examinar como essas estruturas de poder e controle se manifestam nas expectativas sociais em torno da maternidade e como as mulheres resistem e negociam essas pressões, torna-se fundamental para compreender as subjetividades dessa escolha. Ao fazê-lo, esperamos contribuir para uma compreensão mais profunda da interseção entre autonomia feminina, poder e reprodução, e para uma discussão mais informada e inclusiva sobre as escolhas reprodutivas das mulheres na sociedade contemporânea (Foucault, 1988).

Comenta-se que estamos em uma nova ordem de vida, onde o caos político, jurídico, ético e midiático está instaurado. Estão assim derrubando o sistema hierárquico das famílias que foi construído ao longo dos tempos. E isso corrobora para a decisão de ter ou não um filho antes tão simples e agora tão cheio de notoriedade. A história de que a mulher nasceu para ser mãe já está fadada ao fracasso e essa simbologia está sendo ameaçada e por fim abolida (Rios & Gomes, 2009a *apud* Fidelis & Mosmann, 2013; Brousse, 2015 *apud* Rodrigues, 2018).

Há uma perspectiva na sociedade que sugere que mulheres que escolhem não ser mães são

vistas como desprovidas de preparo, sem esperanças (no aspecto biológico) ou egoístas por optarem por essa decisão. Com o aumento do número de mulheres vivenciando essa escolha, tal discurso está ganhando mais destaque e sendo alvo de análises em diversas abordagens, pois engloba uma concepção social completa sobre o papel da mulher e da maternidade na sociedade (Letherby, 2002 *apud* Fidelis & Mosmann, 2013).

O sagrado feminino é uma filosofia de vida, é uma mulher que diariamente escolhe viver uma vida em busca de liberdade com protagonismo em contato com a própria potência e intuição. Talvez haja um conflito de informações e entendimentos, por motivo da palavra “sagrada”, mas tal palavra não entra no viés de religiosidades, dogmas ou entidades específicas e sim trazer a importância da conexão com essência feminina. O texto mostra o quanto é importante essa busca de valorização e do resgate do seu poder, e não, não é o poder sobre o poder da conquista ou da força masculina patriarcal regida por milênios, e sim o poder interno, resgatar o seu poder sobre si mesmo, sobre vida e realidade. A mulher tem um poder inimaginável, que por elas muitas vezes desconhecidos, muito por não haver um melhor autoconhecimento e não sendo relutante aos padrões machistas diários e historicamente convivem em seu meio (Machado, 2020; Nascimento & Silva, 2011 *apud* Machado, 2020).

A reflexão do ser mulher, mostra que a evolução contemporânea chega rebuscando os fatos muito além da espécie e características criadas nesses tempos, onde era imputada a essas mulheres trejeitos e papéis sociais. Esse novo caminhar chega possibilitando a afirmação e o encorajamento dela na sociedade a lutar por ser essencial e parte integrante do todo (Silva, 2021).

A decisão de ter ou não filhos pode ser vista como uma questão complicada porque envolve questões de emoções contraditórias. Isso é ainda mais complicado quando se trata da pressão social que afirma que as mulheres devem ter filhos. Mas as coisas estão mudando: as mulheres estão demonstrando autocontrole e tomando decisões, diferentemente de décadas atrás, quando muitas delas eram submissas culturalmente aos seus parceiros (Barbosa & Coutinho, 2007 *apud* Martins *et al*, 2019).

Na fala de Sartre, ele concebe e afirma que a liberdade é uma condição humana e não podemos simplesmente escolher não fazer uso dela. Assim, se o ser humano está condenado a ser livre, é a partir dessa liberdade que ele vai se constituir. Ora, se o ser humano está lançado no mundo, na existência, e é condenado a ser livre, sua liberdade está ligada aos seus projetos, às suas escolhas, e são elas que vão formar seu sentido individual e a humanidade em um sentido universal: tudo o que sou, que escolho, é o que eu escolho enquanto humano também para a humanidade, deixando assim mais claro e fiel a decisão única e exclusivamente da mulher decidir sobre sua liberdade de ter ou não um filho (Sartre, 2014).

No final do século XIX, os movimentos feministas passaram a defender os direitos das mães, valorizando o trabalho bem-sucedido das mulheres, propondo uma união entre o trabalho e a



maternidade e lutando pelo direito de votar. Apesar disso, a idéia de que as mulheres tinham o dever de ser mães prevaleceu nas leis, recusando o direito de escolha e a liberdade. E esses movimentos feministas têm sido um motor na luta pela igualdade de gênero e pela emancipação das mulheres das estruturas opressivas do patriarcado. Neste contexto, algumas condutas socialmente construídas começam a ser questionadas, e como consequência destes questionamentos, obtêm-se maior flexibilidade no comportamento feminino, que inclui a decisão por não ter filhos. A maternidade deixa de ocupar o papel principal na vida de muitas mulheres para dar espaço a outros objetivos além da maternidade (Collin & Laborie, 2009 *apud* Hidase & Gonzaga, 2022; Oliveira & Enoque, 2019; Colares & Martins, 2016; Viana *et al*, 2018; Corrêa & Petchesky, 1996 *apud* Viella, 2015).

O estereótipo feminino e as atribuições de características ao conceito feminilidade mostra que é possível entender mais do papel do gênero feminino ao longo da construção histórica. O que falar do sujeito-mulher nessa caminhada de transformações dentro da sociedade, é importante entender que essa mulher precisou se desconstruir e reconstruir aquela mulher alienada desde a sua formação como ser e buscar se encontrar ao longo dessa nova jornada. A filosofia vem buscando discussões contínuas sobre a afirmação dessa nova mulher dentro desse novo mundo que está em constante mudança e reconstrução, buscando assim cada um se encontrar em suas novas identidades íntimas únicas e pessoais (Beauvoir, 1970 *apud* Silva, 2021).

Diversos discursos presentes nas religiosidades, até na forma biológica, em culturas e enfim, na sociedade como um todo, de como a mulher deve agir, falar, se comportar, assemelhando-se a um robô, como se ali naquele ser, não houvesse uma mente, sentimentos, perspectivas, objetivos e ousos em falar sem nenhum valor. Nas mais diversas leituras realizadas é muito difícil enxergar ou entender o porquê de tanto menosprezo por um ser de tanta importância e valor que é mulher (Nye 1995 *apud* Cargnelutti & Alós, 2019).

Está enraizado nas mulheres de formas diretas ou indiretas que seu único objetivo da vida é ser servidora do homem, a reprodutora resultando em herdeiros e um objeto de decoração ao lado do marido em festividades no âmbito familiar ou social, e nesse último exemplo ainda lhe era negado, muito porque os homens entendiam que a mulher só tinha espaço de cuidar do lar, em sua ausência. Agora lhes pergunto, onde ficava o prazer de realizações de quaisquer atividades? Quanto de dores internas e sofrimento psicológico foram atingidos durante esse domínio patriarcal (Millet, 1974 *apud* Cargnelutti & Alós, 2019).

A cultura machista é marcante há décadas, moldando famílias e a sociedade como um todo, tornando assim um limitador do sexo feminino, seja ela na fase infantil a qual se é reprimida, a compreensão de suas escolhas devido ao autoritarismo masculino e já na fase adulta, tomada por moldes e padrões enraizados, resultando assim em um ser sem voz e vez nas escolhas que venha querer fazer em sua vida. Desde os primórdios, escutamos e vivenciamos essa herança do autoritarismo,

reveladas em relatos e acontecimentos, do homem, sendo o protagonista e provedor do lar, a submissão total do sexo feminino exacerbada ao sexo masculino (Scarfone, 2019 *apud* Oliveira, 2021; Foucault, 1984 *apud* Oliveira, 2021).

Considerando a construção social e histórica, percebe-se que as mulheres que optam por não ter filhos, podem encontrar obstáculos e manifestações contrárias à sua decisão e posicionamento. “A renúncia às aspirações não é uma necessidade, mas sim um ataque injustificado e desleal à liberdade e aos direitos do indivíduo” (Gonzaga, 2015; Zanello, 2016; Monti, 2008, p. 245 *apud* Roso & Gass 2018, p. 453).

Assim sendo, fica claro que, historicamente, são atribuídos ao feminino estereótipos ligados à capacidade de cuidar e às habilidades emocionais e comunicativas, enquanto ao masculino associam-se comportamentos de autoconfiança, assertividade, ambição e força. Infelizmente, essas atribuições revelam que as mulheres têm, de fato, menor prestígio e menos privilégios sociais, enquanto os homens detêm reconhecimento, influência e poder, perpetuando assim a desigualdade de gênero tão arraigada nos dias atuais (Romera, 2015; Hryniewicz & Vianna, 2018 *apud* Nascimento *et al* 2021; Campos, De Tilio & Crema, 2017 *apud* Nascimento *et al*, 2021).

2 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema é o primeiro passo em um trabalho científico e um dos mais difíceis. Assim, “o tema de uma pesquisa é qualquer assunto que necessite melhores definições, melhor precisão e clareza do que já existe sobre o mesmo” (Cervo & Bervian, 2002, p. 81). Existem muitas temáticas para a pesquisa e a escolha pode ser decisiva para a carreira profissional, o tema geral de estudo também “[...] pode ser sugerido por alguma vantagem prática ou interesse científico ou intelectual em benefício dos conhecimentos sobre certa situação particular” (Selltiz *et al* 1965, p. 33-34).

Este estudo recebe o título: Mulheres e a escolha de não maternar: entre o desejo e a liberdade. E têm como ponto de partida a inquietação diante da pouca visibilidade dada à decisão pela não maternidade. Tal escolha, frequentemente silenciada ou marginalizada, pode gerar formas sutis de repressão às mulheres que a adotam, ao mesmo tempo em que se configura como uma expressão legítima da liberdade individual.

Desse modo, o presente trabalho pretende abordar a questão problema dessa autonomia da escolha de não ter ou não um filho e dar voz a essas histórias para que as mulheres sejam validadas nos seus desejos e escolhas, acerca dessa decisão. “Problema é uma questão que envolve intrinsecamente uma dificuldade teórica ou prática, para a qual se deve encontrar uma solução” (Cervo & Bervian, 2002, p. 84). Para ser considerado apropriado, o problema deve ser analisado sobre os seguintes aspectos de valoração: viabilidade, relevância, novidade, exequibilidade e oportunidade (Lakatos & Marconi, 1992). Trazendo como problematização temos: Como se dão as percepções



sociais pelas quais as mulheres optam por não ter filhos, incluindo influências culturais, sociais, econômicas e pessoais?

Para que a pesquisa produza resultados úteis, ou seja, atinja níveis mais altos de interpretação, a hipótese de trabalho é necessária, especialmente nos estudos exploratórios ou descritivos, onde é dispensável sua explicitação formal (Lakatos & Marconi, 2001). Assim para responder a problemática apresentam-se: As imposições culturais ao longo do tempo, trazendo como negativo essa decisão perante a sociedade; Identificação dos sentimentos frente a essa decisão; Medos diante da fala e exposição de sua escolha perante a todos; E por fim, o novo seguir adiante frente a vida pessoal, acadêmica e profissional.

Este trabalho é relevante para fomentar discussões sobre os direitos e desejos das mulheres e fornecer à sociedade mais informações sobre a liberdade dessa escolha, a fim de validar essa autonomia sobre seus corpos, aspirações, escolhas e desejos.

Espera-se que este trabalho contribua para a desconstrução de conceitos pré-estabelecidos durante a vida, possibilitando a contribuição para um diálogo sobre uma nova estrutura familiar para cada mulher, saindo por ventura do tradicional ditado ao longo dos tempos e mostrando que existe novas possibilidades de se viver. E também permitirá pensar sobre como essas mulheres evoluíram ao longo dos tempos e entender como as coisas estão diferentes no século XXI, mediante a conquistas como a pílula anticoncepcional e os direitos políticos.

Este estudo busca explorar a interseção entre a autonomia da mulher e a decisão de não maternar e compreender através das narrativas dessas mulheres como se deram essas percepções sociais, bem como o lidar com toda essa mudança cultural ao longo dos tempos. Esse trabalho visa contemplar uma nova visão de mundo dessas mulheres diante da não opção da maternidade como modelo de realização da contemplação máxima da mulher, levantar o diálogo sobre essa escolha é importante para dar vez e voz a essas escolhas e desejos reprimidos pela sociedade.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar os fatores individuais, culturais e sociais que levam à não maternidade e seus impactos na sociedade.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as razões pessoais que levam mulheres a optar pela não maternidade, considerando fatores como realização pessoal, carreira, estigmas sociais e pressões familiares;
- Analisar o impacto psicológico e emocional da decisão de não ter filhos, observando níveis de satisfação com a vida, autoestima e saúde mental;

- Avaliar como a escolha pela não maternidade se relaciona com normas de feminilidade e identidade de gênero, questionando os papéis de gênero tradicionais;
- Colaborar para a ampliação da literatura acadêmica a respeito da não maternidade como uma escolha deliberada, fornecendo recursos teóricos e reflexivos que estimulem pesquisas e aprofundamentos adicionais sobre o assunto no âmbito das ciências humanas e sociais.

4 MÉTODO

4.1 TIPO DE PESQUISA

A metodologia de pesquisa num planejamento deve ser entendida como o conjunto detalhado e sequencial de métodos e técnicas científicas a serem executados ao longo da pesquisa, de tal modo que se consiga atingir os objetivos inicialmente propostos e, ao mesmo tempo, atender aos critérios de menor custo, maior rapidez, maior eficácia e mais confiabilidade de informação (Barreto & Honorato, 1998).

Este trabalho constitui-se como uma pesquisa de abordagem exploratória e qualitativa, baseada em pesquisa bibliográfica referente ao tema Mulheres e a escolha de não maternar: entre o desejo e a liberdade. A pesquisa bibliográfica como aquela que é elaborada com base em material já publicado com o objetivo de analisar posições diversas em relação a determinado assunto (Gil, 2010). “A pesquisa bibliográfica tem finalidade o conhecimento das diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno” (Oliveira, 1997, p. 119).

Nesse sentido, essa pesquisa segue um delineamento qualitativo, conforme descreve Minayo (2001, p. 14):

“Pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reproduzidos à operacionalização das variáveis” (Minayo, 2001, p. 14).

4.2 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO, FONTES DE DADOS E PROCEDIMENTOS DE COLETAS

A pesquisa do material foi feita nos meses de abril 2024 a março de 2025, buscando contemplar livros e artigos publicados no banco de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Pepsic Periódicos de Psicologia*, Associação Brasileira de Agroecologia e no Google acadêmico. Embora a maior parte das pesquisas científicas esteja concentrada na atualidade, optamos por delimitar o período de busca entre os anos de 1997 e 2022 para garantir uma análise mais ampla e consistente do desenvolvimento do tema ao longo do tempo. Essa opção possibilita a identificação de tendências, progressos e eventuais lacunas no conhecimento, aspectos que só podem ser destacados ao se considerar um período de tempo mais longo.



Ao incluir livros estes contemplando os anos de 1970, 1988, 2007 e 2015, buscamos contemplar estudos pioneiros e marcos importantes que fundamentam as pesquisas mais recentes, garantindo uma visão histórica e evolutiva do campo. Por outro lado, a inclusão dos artigos estes com os anos de 1997, 1999, 2013, 2015, 2018 (2 artigos), 2019 (3 artigos), 2020, 2021 (3 artigos) e 2022 garante a relevância dos dados analisados, evidenciando a importância do estudo, especialmente diante da escassez de trabalhos científicos relacionados ao tema.

Além disso, aplicamos critérios de exclusão para assegurar a qualidade e a pertinência dos trabalhos selecionados. Foram descartados artigos fora da relevância temática, estudos com amostras muito reduzidas ou que não abordam diretamente o tema central da pesquisa. Esses critérios têm como objetivo assegurar que a análise seja fundamentada em evidências sólidas e atualizadas, prevenindo preconceitos e informações irrelevantes que possam afetar a credibilidade dos resultados.

Dessa forma, o recorte temático e os critérios de exclusão definidos auxiliam na realização de uma revisão sistemática equilibrada, que abrange tanto a evolução histórica quanto a atualidade do tema, oferecendo uma base sólida para as conclusões do estudo.

4.3 ANÁLISE DE DADOS

Após a seleção dos artigos, procedeu-se à leitura de todo o material, compilando os tópicos e as informações mais relevantes. Dessa forma, realizou-se uma revisão da literatura com o intuito de aprofundar o entendimento e expandir o entendimento sobre o assunto. As palavras chaves desse trabalho versam sobre: Maternidade. Mulheres. Filhos. Decisão.

4.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Este trabalho tem por finalidade garantir a integridade e o respeito pelos direitos autorais, sendo assim, todas as fontes serão devidamente citadas de acordo com as normas acadêmicas. Além de estar pautada no direito e respeito à comunidade científica, aos estudantes e a todos que tenham interesse pelo assunto.

5 RESULTADOS E DISCURSÃO

Neste tópico, apresentam-se os resultados coletados com base na revisão de literatura integrativa realizada. Para a construção deste trabalho foram analisados 14 trabalhos acadêmicos e 4 livros pesquisados para melhor embasamento. Os estudos acadêmicos incluídos nesta revisão foram publicados no período de 1997 a 2022. A maior parte das publicações se concentram nos anos de 2018 a 2022, representando 71,42% da contribuição. Os livros têm suas publicações nos anos de 1970, 1988, 2007 e 2015. Após a identificação de todos, foram realizadas leituras e construção dos resultados a seguir na tabela: Revisão de Literatura.

Quadro 1

REVISÃO DE LITERATURA	
AUTOR/ANO	TÍTULO
Beauvoir, 1970.	O Segundo Sexo: Fatos e Mitos.
Cargnelutti & Alós, 2019.	A mulher como outro: Uma história de deslegitimação e silenciamento.
Emidio & Giguek, 2019.	“Elas não querem ser mães”: algumas reflexões sobre a escolha pela não maternidade na atualidade.
Fidélis & Mosmann, 2013.	A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima de 45 anos.
Foucault, 1988.	História da Sexualidade I: A Vontade de Saber.
Hidase & Gonzaga, 2022.	A visão de mulheres que escolheram não ter filhos: um estudo psicossocial.
Martins, Bitencourt, Teixeira, Santos & Sifuentes, 2019.	A mulher contemporânea e a maternidade: como a vida profissional e a escolaridade influenciam no desejo de ser mãe?
Machado, 2020.	O sagrado feminino; Poder que vem de dentro – Despertar, cura e o empoderamento de mulheres.
Nascimento, Biasutti, Araújo & Trindade, 2021.	Os papéis da mulher e do homem nas famílias pela óptica masculina: um estudo de duas gerações.
Oliveira, 2021	"Coisa de Menina": Implicações e atribuições do feminino no atendimento de uma adolescente.
Roso & Gass, 2018.	Novos tempos, novos lugares: reflexões sobre a maternidade em grupos de empoderamento de mulheres.
Rodrigues, 2018.	Mal-estar na feminilidade: “Filhos... filhos? Melhor não tê-los! Mas se não os temos, como sabê-los? ”
Sartre, 2007.	O ser e o nada: Ensaio da Ontologia Fenomenológica.
Saffioti, 1997.	Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade.
Saffioti, 1999.	Já se mete a colher na briga de marido e mulher.
Saffioti, 2015.	Gênero Patriarcado Violência.
Silva, 2021.	A questão do gênero feminino e da feminilidade: nasce ou torna-se?
Viella, 2015.	Para além da maternidade: um estudo sobre mulheres que optaram por não ter filhos.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

A literatura apontou que a concepção de maternidade, frequentemente associada às mulheres, está intrinsecamente ligada ao contexto social e cultural em que elas estão inseridas. A ideia de ser mãe emerge das experiências vividas e dos sentimentos pessoais que as mulheres experimentam ao longo de suas trajetórias. Em diversas culturas ao redor do mundo, cada mulher possui razões particulares e únicas para decidir se deseja ou não ter filhos, e essa escolha é influenciada por suas percepções individuais e pelos fatores que moldam sua visão de mundo. Contudo, mesmo diante da decisão de não exercer a maternidade, muitas mulheres se veem confrontadas com as normas sociais predominantes que atribuem um sentido tradicional e normativo à maternidade, o que frequentemente resulta em sentimentos de exclusão ou marginalização dentro da sociedade (Nascimento *et al*, 2021). E partindo dessa premissa buscou-se compreender as motivações, identificar as razões e os fatores que influenciaram na decisão das mulheres que optaram pela não maternidade.

A visão de maternidade está relacionada ao contexto em que as mulheres estão inseridas, a concepção de ser mãe surgiu das experiências e dos sentimentos que experimentaram. No mundo, cada mulher possui um motivo único para decidir se quer ou não ter filhos, e essa escolha é fundamentada em suas percepções. No entanto, mesmo diante da decisão crucial de não ser mãe, são



incorporados sentidos normativos sobre a maternidade, fazendo com que se sintam excluídos da sociedade (Hidase & Gonzaga, 2022).

Considerou-se que a maternidade e o experimentar contradições, fundamentadas em experiências passadas, possibilitando essas mulheres de descobrir não apenas a mesma coisa, mas novas formas de maternar e representar a maternidade que proporcionem uma vida mais digna e justa para todos. As mulheres enxergam que tem uma missão, nem todas a cumprem estritamente, desempenhando o papel de mãe ou dona de casa, algumas optam por um caminho distinto (Roso & Gass, 2018; Hidase & Gonzaga, 2022).

Compreender os elementos que contribuem para a sensação de realização dessas mulheres foi fundamental no processo. Esse sentimento de satisfação está relacionado a aspectos como o bem-estar consigo mesmas, a percepção de conquista, a busca por autonomia e independência, a proximidade com familiares e amigos, a prática de atividades físicas, bem como o envolvimento em processos de estudo e trabalho (Hidase & Gonzaga, 2022).

Ainda se tratando da liberdade, os fatores considerados benéficos pelas mulheres em decorrência da decisão de não ter filhos, destacam-se: a disponibilidade de horários livres, a possibilidade de direcionar recursos financeiros para si mesmas, a oportunidade de viajar, a manutenção da rotina pessoal, o foco na carreira profissional e a conquista de maior independência (Viella, 2015).

Corroborando com essa premissa outro fator identificado como motivador está relacionado à possibilidade de levar uma vida mais livre, permitindo que as mulheres disponham de mais tempo para investir em seu próprio desenvolvimento e alcançar seus planos e objetivos de vida com maior agilidade e dedicação (Viella, 2015).

Apesar das múltiplas tentativas de restrição à sua liberdade e à sua expressão artístico-literária, diversas mulheres se recusaram a ocupar o lugar de silêncio que, ao longo da história, lhes foi atribuído. Elas enfrentaram o desafio de se expressar por meio da palavra escrita, desafiando e desestabilizando os discursos hegemônicos vigentes. Através de suas vozes, que manifestavam a alteridade, essas mulheres não apenas contestaram as normas estabelecidas, mas também se constituíram como sujeitos plenos, afirmando sua identidade e autonomia a partir da prática da escrita literária (Cargnelutti & Alós, 2019).

O primeiro contato das mulheres com o movimento do sagrado feminino desperta nelas um crescente interesse pelo empoderamento e pelo autoconhecimento, ao mesmo tempo em que promove uma percepção mais positiva sobre a relevância desse caminho, não apenas para a cura individual das mulheres, mas também para a cura do planeta como um todo. As atividades práticas realizadas dentro desse movimento favorecem a conscientização sobre o grau de conexão ou desconexão de cada mulher com seus ciclos naturais, com a natureza e com seus ancestrais. Além disso, os debates e discussões



nas rodas de conversa propiciam uma reflexão profunda sobre a influência do patriarcado na vida feminina, estimulando uma análise crítica das estruturas sociais que historicamente têm moldado as experiências das mulheres (Machado, 2020).

Compreende-se que os aspectos penosos e indesejáveis da maternidade, destacando a insegurança e as dificuldades que acreditavam ter que enfrentar devido aos ideais e às representações sociais que moldam a compreensão do que significa ser mãe e do papel do filho na vida da mulher. A maternidade é frequentemente apresentada como um fator que limita a autonomia e a liberdade feminina, funcionando como um obstáculo para a realização pessoal da mulher. Contudo a maternidade também aparece como a única forma de a mulher alcançar a sensação de completude, evidenciando uma tensão entre as limitações impostas por esse papel e a percepção de sua importância para a identidade feminina (Emídio & Giguek, 2019).

Outra questão abordada é a influência da sociedade sobre a decisão da mulher de se tornar mãe. Reconhecendo a existência de uma pressão social nesse processo, de intensa cobrança em relação a essa expectativa nos dias atuais, embora ainda haja essa cobrança, a exigência social diminuiu em comparação ao passado (Hidase & Gonzaga, 2022).

Evidencia-se nesse resultado que embora a maternidade seja considerada, por muitas mulheres, uma realização significativa no âmbito emocional, é fundamental destacar que diversas delas optam pela maternidade em razão das expectativas sociais. Essas mulheres compreendem o verdadeiro significado da maternidade, de modo que sua decisão seja fruto de um desejo genuíno, e não influenciada por pressões sociais ou por conformismo. A escolha pela maternidade segundo suas aspirações deve ser pautada no que elas realmente sentem ser sua fonte de realização pessoal, e não apenas no cumprimento de um papel imposto externamente (Hidase & Gonzaga, 2022).

A mulheres contemporâneas continuam a carregar as marcas deixadas pelo patriarcado, enfrentando consequências psicológicas decorrentes da dificuldade em fazer escolhas genuínas em várias áreas de suas vidas. Muitas vezes, essas mulheres tomam decisões baseadas nos julgamentos e nas expectativas sociais, em vez de seguirem seus próprios desejos e vontades, o que pode gerar um conflito interno e afetar seu bem-estar emocional e psicológico (Hidase & Gonzaga, 2022).

Vê-se também que as mulheres atribuem à sua vivência na infância uma relação com o desinteresse pelo papel da maternidade. Esse desinteresse foi frequentemente justificado pela preferência por brinquedos e brincadeiras que não envolviam bonecas, associadas tradicionalmente à preparação para a maternidade. Ao analisar esse dado, pode-se inferir que a decisão, desde a infância, de optar por não ter filhos está relacionada a uma construção social que se desenvolveu ao longo da vida de cada indivíduo, influenciada por suas experiências, valores e influências culturais que moldaram sua percepção sobre a maternidade (Viella, 2015).



A cobrança para ter filhos é apenas uma das muitas exigências que as mulheres já enfrentaram ao longo da vida. Seja por pressão social, de encontrar um parceiro, casar e por fim ter filhos. No entanto, em relação a esta última cobrança, muitas mulheres já estão acostumadas com esse tipo de exigência, dado que é uma pressão que perdura há bastante tempo. Nesse contexto, é válido refletir que a cobrança proveniente de familiares e amigos próximos pode ocorrer de maneira menos invasiva, mas ainda assim persiste de forma constante. De qualquer modo, a pressão é uma presença constante, independentemente do grupo de origem, e se manifesta de diversas formas ao longo da trajetória de vida das mulheres (Viella, 2015).

A maternidade como uma obrigação intrínseca à vida da mulher, considerando aquelas que optam por não cumprir essa expectativa como marginalizadas socialmente. Elas também destacaram a constante reflexão que fazem sobre o significado de ser mulher à luz da escolha pela não maternidade, evidenciando o confronto entre os conceitos de feminilidade e maternidade. Nesse processo, torna-se claro como essa decisão desestabiliza e desafia as normas sociais que historicamente associam o feminino à maternidade, colocando as mulheres em uma posição de questionamento e redefinição de sua identidade dentro do contexto social (Emídio & Gigeck, 2019).

Muito se discute que a maternidade como um fator que perpetua as desigualdades entre os papéis sociais de homens e mulheres. Destacaram como os cuidados com os filhos recaem predominantemente sobre as mulheres, evidenciando a sobrecarga dessa responsabilidade, que frequentemente exige inúmeros sacrifícios na vida das mulheres. Nesse sentido, enfatizaram que a maternidade, além de ser um papel imposto socialmente às mulheres, também implica em uma série de desafios e limitações que reforçam as disparidades de gênero, comprometendo a autonomia e a realização pessoal das mulheres (Emídio & Gigeck, 2019).

A decisão de se dedicar à vida profissional está diretamente relacionada à sua escolha de não vivenciar a maternidade. Embora o trabalho, em geral, seja reconhecido como uma atividade que exige esforço e comprometimento, para essas mulheres ele assume um papel central em suas vidas, funcionando como uma via para a realização pessoal e profissional. Essa prioridade pelo trabalho reflete uma escolha deliberada de focar em seus projetos e conquistas individuais, o que, para elas, se torna mais viável na ausência da maternidade, permitindo-lhes direcionar suas energias e tempo para o desenvolvimento de suas carreiras (Fidélis & Mosmann, 2013).

Resultados obtidos apontam que a escolaridade e a trajetória profissional desempenham um papel significativo na decisão das mulheres em relação à maternidade. Existe uma nova perspectiva de vida, especialmente no que tange à inserção no meio profissional, e como muitas mulheres se organizam para escolher o momento que consideram mais adequado para vivenciar a maternidade, sem abrir mão de sua realização profissional (Martins *et al*, 2019).

Os aspectos percebidos estão mais diretamente relacionados aos sentimentos individuais de cada mulher, enquanto outros têm uma conexão com fatores externos. No que se refere aos sentimentos individuais, uma insegurança prevalente é identificada, especialmente no que diz respeito à percepção de incapacidade em educar e cuidar adequadamente de uma criança. Essa insegurança reflete as preocupações internas das mulheres, que se sentem desafiadas frente à responsabilidade de proporcionar uma educação adequada e segura em um contexto social cada vez mais complexo, destacam-se a ansiedade, a superproteção, as questões relacionadas à educação, bem como a percepção de um mundo perigoso e violento (Viella, 2015).

Os fatores externos como crescente influência dos valores individuais nas relações interpessoais, o contexto do mundo capitalista e a presença constante de violência. Esses elementos externos impõem desafios adicionais à criação dos filhos, afetando a maneira como as mulheres percebem e enfrentam as dificuldades relacionadas à educação e ao cuidado das crianças, ao mesmo tempo em que influenciam suas decisões e comportamentos enquanto mães (Viella, 2015).

Nota-se que algumas mulheres optaram por essa escolha como um posicionamento pessoal, atribuindo-lhe um significado e propósito claros, ainda que tenham relatado que essa decisão ocorreu de forma gradual, como um processo. Por outro lado, outras fizeram essa escolha de maneira mais passiva, como algo que nunca foi de fato decidido. Dessa forma, os sentidos atribuídos a essas trajetórias de vida são únicos e diversos para cada mulher, refletindo experiências distintas, mas, ao mesmo tempo, todas compartilham uma vivência comum que as conecta de alguma maneira (Emídio & Gígek, 2019).

A influência da maternidade percebida na vida de outras mulheres, e de suas próprias mães em trajetórias pessoais. Indicam como as experiências maternas, tanto as observadas em outras mulheres quanto aquelas vividas diretamente com suas mães, desempenham um papel significativo na formação de suas percepções e decisões sobre a maternidade (Emídio & Gígek, 2019).

No entanto a compreensão e o apoio dos pais em relação à escolha de não ter filhos pode ter facilitado a tomada dessa decisão, o mesmo se aplica aos amigos próximos. Dessa forma, observa-se que as pessoas com quem as mulheres têm uma relação mais próxima tendem a aceitar essa escolha com maior facilidade e com menos questionamentos. Além disso, em alguns casos, mulheres que já têm filhos também demonstram apoio e até incentivam a decisão de não ter filhos. Isso sugere que o ambiente de apoio e compreensão, especialmente entre aqueles com vínculos afetivos mais estreitos, desempenha um papel significativo na legitimização e na aceitação dessa escolha (Viella, 2015).

Nesse contexto, a não maternidade é vivenciada de maneira única por cada uma dessas mulheres, sendo compreendida de forma particular. Para algumas mulheres, essa escolha é percebida como um destino indesejável, o qual exige uma justificativa, seja de ordem psicológica, biológica ou religiosa, para que se torne socialmente aceitável ou compreensível. Assim, a decisão de não seguir o

caminho da maternidade se revela, para essas mulheres, como um processo de construção e explicação interna, influenciado por diversas dimensões de suas vidas e crenças (Emídio & Giguek, 2019).

De forma geral, os estudos apontam que a maternidade, embora tradicionalmente vista como um papel central e quase obrigatório na vida das mulheres, é cada vez mais compreendida como uma escolha pessoal e multifacetada, influenciada por um conjunto complexo de fatores sociais, culturais, psicológicos e individuais. A decisão pela não maternidade emerge como um ato de autonomia e resistência às normas sociais que historicamente vinculam a identidade feminina exclusivamente à maternidade. Essa decisão implica desafios, como enfrentar a exclusão social e lidar com expectativas normativas, mas também permite a criação de novas maneiras de ser e se realizar como mulher, fundamentadas no autoconhecimento, na liberdade e na busca por uma vida digna e satisfatória. Desconstruir estigmas e ampliar as oportunidades de empoderamento e expressão de todas as mulheres em suas diferentes escolhas de vida requer o reconhecimento e o respeito pela pluralidade de trajetórias femininas (Viella, 2015; Emídio & Giguek, 2019; Hidase & Gonzaga, 2022).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal propósito deste estudo foi examinar os elementos individuais, culturais e sociais que afetam a decisão pela não maternidade e seus efeitos na sociedade. Com esse propósito geral, procurou-se compreender mais profundamente as motivações pessoais que levam as mulheres a decidir não ter filhos, os impactos dessa decisão na sua saúde emocional e psicológica, além de como elas interpretam a própria decisão à luz das construções sociais de gênero e feminilidade.

No contexto das mulheres contemporâneas, surge uma decisão que quebra antigas regras acerca da recusa em ser mãe, um ato de indignação e independência que questiona os padrões inflexíveis do mundo antigo. Trata-se de um canto de autonomia que ressoa no silêncio e que de fato chega próximo a um anseio de transcender as limitações do patriarcado, onde a fantasia não é influenciada por expectativas externas, porém esculpido na alma enquanto passeia pela procura de si mesma. Estas narrativas são poemas de bravura e persistência que refletem conflitos internos, ressonâncias profundas, não somente em oposição às vozes da sociedade, mas em prol da sinceridade de seus corações, das suas dores tão antigas e do seu silenciar de tanto tempo e de tantos anos.

Dessa forma, esta decisão, muitas vezes, envolta em preconceitos e obstáculos, requer uma revisão das normas culturais que associam a feminilidade à maternidade. É crucial reconhecer a variedade das trajetórias femininas e respeitar as escolhas pessoais para a formação de uma sociedade mais inclusiva e equitativa. No final das contas, ao festejar a liberdade de escolha e a capacidade de tomar decisões sobre suas vidas, essas mulheres não só reconfiguram o que é ser mulher atualmente, como também preparam o terreno para as próximas gerações, incentivando uma constante reflexão



sobre a autonomia e os direitos femininos em todas as suas expressões de realização, bem como o autoconhecimento de seus limites, do seu caminhar e da sua evolução emocional e psicológica.

Durante a discussão, observou-se que a não maternidade é uma escolha complexa e multifacetada, influenciada por uma variedade de vivências, contextos familiares, influências culturais e expectativas da sociedade. A maternidade, ainda frequentemente percebida como um destino "natural" e ansiado pelas mulheres, surge em diversas histórias como um componente crucial na formação da identidade feminina. Contudo, a pesquisa mostrou que essa visão tradicional está sendo cada vez mais questionada por mulheres que defendem o direito de não ser mãe como um meio legítimo de viver suas vidas de forma genuína e alinhada com seus próprios princípios e anseios.

Diante do exposto, as razões que motivam a não maternidade são diversas. Os fatores mais comuns incluem o anseio de dar prioridade à carreira, a procura por independência, a apreciação da liberdade individual, dores silenciadas antecipadas, a falta de um verdadeiro anseio pela maternidade e o temor das obrigações e restrições impostas por essa função. A experiência da infância, as observações de experiências maternas de terceiros e, frequentemente, o apoio de familiares e amigos íntimos, foram fatores significativos que impactaram diretamente essa escolha. Simultaneamente, os desafios no ambiente social e a crítica à distribuição desigual das responsabilidades parentais entre homens e mulheres ajudaram a fortalecer a decisão de não ter filhos.

Ademais, a escolha de não ter filhos pode ser vista como uma ação política. Muitas mulheres, ao rejeitarem a maternidade, contestam as estruturas patriarcais que historicamente atribuíram a elas a função de cuidadoras e encarregadas do bem-estar da família. Portanto, essa decisão proporciona a possibilidade de novas maneiras de ser mulher, desmistificando a concepção de que a maternidade é o único caminho para a felicidade feminina.

Em vista disso é importante enfatizar que essa rejeição à maternidade não implica necessariamente um menosprezo pela maternidade, mas uma reinterpretação dos significados que lhe são atribuídos. Para algumas mulheres, a maternidade pode ser experimentada integralmente e ansiada; para outras, a ausência dela é igualmente válida e gratificante. As duas opções devem ser respeitadas e entendidas dentro de um leque de opções que leva em conta a diversidade das vivências femininas.

Diante do estudo, conclui-se que a não maternidade, longe de ser um fenômeno isolado ou desvinculado de significados, está profundamente enraizada em processos históricos, sociais e subjetivos. A decisão de não ter filhos reflete uma complexa interação entre autonomia individual, pressões culturais e sociais, expectativas de gênero e a busca por significado pessoal. O respeito à escolha de não ser mãe não apenas amplia o debate sobre os direitos reprodutivos das mulheres, como também contribui para a construção de uma sociedade mais plural, inclusiva e livre de imposições normativas sobre o que significa ser mulher. Afinal, ser mulher é, sobretudo reivindicar a liberdade



de fazer escolhas, de explorar as profundezas do autoconhecimento, identificando em cada escolha a essência de quem elas são, ou seja, livres, completas, íntegras, donas de si mesmo e poder viver com leveza a própria trajetória, quaisquer que sejam os caminhos escolhidos.

Estudos futuros sobre essa temática são não apenas necessários, mas urgentes. Aprofundar, intensificar e aprimorar esse debate é fundamental para que mais pessoas possam compreender as nuances, complexidades e motivações que envolvem a escolha da não maternidade. Só assim poderemos construir um mundo mais empático, onde a diversidade e desejos das experiências femininas seja reconhecida como parte essencial da riqueza e evolução humana.



REFERÊNCIAS

- BARRETO, A.V.P.; HONORATO, C de F. **Manual de sobrevivência na selva acadêmica**. 4 ed. Rio de Janeiro: Brasiliense. 1998.
- BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. São Paulo: 4a edição, Difusão Europeia de Livros, 1970.
- CARGNELUTTI, C. M.; ALÓS, A. P. **A mulher como o outro: uma história de deslegitimação e silenciamento**. Linguagens & Cidadania, v. 21, n. esp., jan./dez. 2019.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- EMIDIO, T. S.; GIGEK, T. **“Elas não querem ser mães”: algumas reflexões sobre a escolha pela não maternidade na atualidade**. Trivium vol.11 no.2 Rio de janeiro jul./dez. 2019.
- FIDELIS, D. Q.; MOSMANN, C. P. **A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Aletheia no.42 Canoas, dez. 2013.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- HIDASE, S. Z.; GONZAGA, A. T. S. **A visão de mulheres que escolheram não ter filhos: um estudo psicossocial**. Psicologia em ênfase. v.3, p. 10-21 – abril/2022.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- _____. **Metodologia do trabalho científico**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992.
- MARTINS, B. C; BITENCOURT, J. G. de; TEIXERA, S. P. de S; SANTOS, B. M. dos; SIFUENTES, M.; **A mulher contemporânea e a maternidade: como a vida profissional e a escolaridade influenciam no desejo de ser mãe?** XIII Mostra de iniciação científica da Faculdade Cesuca – nov. / 2019 ISSN – 2317-5915.
- MACHADO, R. **O sagrado Feminino que vem de dentro – despertar, cura empoderamento de mulheres**. Cadernos de Agroecologia - ISSN 2236-7934 – Anais do 3º Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia – Vol. 15, N° 3, 2020.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NASCIMENTO, C. R. R., BIASUTTI, C. M., ARAÚJO, I. C. C. de; TRINDADE, Z. A. **Os papéis da mulher e do homem nas famílias pela óptica masculina: um estudo de duas gerações**. Pesquisas e Práticas Psicossociais, 16 (4), São João Del-Rei, outubro-dezembro de 2021. e-3306.
- OLIVEIRA, M. R. E. **“Coisa de menina”: Implicações e atribuições do feminino no atendimento de uma adolescente**. Jornal de psicanálise, 54 (100), 115-128. 2021.
- OLIVEIRA, S. L. de. **Tratado de Metodologia Científica**. São Paulo: Pioneira, 1997.



ROSO, A. R; GASS, R. L. **Novos tempos, novos lugares: reflexões sobre a maternidade em grupos de empoderamento de mulheres.** Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 442 - 461, ago. 2018.

RODRIGUES, P. M. **Mal-estar na feminilidade: “Filhos... filhos? Melhor não tê-los! Mas se não os temos, como sabê-los?”** Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana. Rio de Janeiro, 13(26), 160-165, mai. 2018 a out 2018.

SARTRE, J. P. (2014). **O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica.** 23a ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. (Originalmente publicado em 1943).

SAFFIOTI, H. I. B. **Violência de Gênero – Lugar das práxis na construção da subjetividade.** Lutas Sociais, nº 2, PUC/SP, 1997. ISSN1415-854X. Pags: 59-79.

_____. **Já se mete a colher em briga de marido e mulher.** São Paulo Perspectiva. vol.13 no.4 São Paulo Oct./Dec. 1999.

_____. **Gênero patriarcado violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais.** São Paulo: Herder, 1965.

SILVA, M. R. da. **A questão do gênero feminino e da feminilidade: nasce ou torna-se?.** E-BOOK X CINABEH - Vol. 01. Campina Grande: Realize Editora, 2021.

VIELLA, I. L. **Para além da maternidade: um estudo sobre mulheres que optaram por não ter filhos.** Palhoça, 2015.